



Lacunas do indizível e quando o Sopro nos expurga...

Caroline Peter // Mestranda - UNICAMP

“No final das contas, dentro de quantas capas de sobrevivência, de túnicas, de apoios ou fundações, de esqueletos, de refúgios, de abrigos, exteriores ou interiores ao nosso corpo buscamos um hábitat; dentro de quantos nichos vivemos, dormimos, caminhamos e trabalhamos antes de criarmos a coragem de nos entregarmos ao mundo?”

MICHEL SERRES

“Narciso morreu afogado, porque não compreendeu que entre ele e a imagem existia a água.”¹, dirá Edvgen Bavcar, fotógrafo checo que, mesmo cego após dois acidentes, continua a fotografar e a registrar as imagens sentidas pelo seu corpo. No entanto, os registros feitos, mais que retratos de momentos diversos, configuram-se como a *foto-grafia* de um universo de memórias acionadas e revisitadas a cada momento no qual se prepara para captar a luz que respinga em sua pele e em seus poros, indicando-lhe a trajetória daquele

1. Edvgen Bavcar(1946-): fotógrafo nascido na Eslovênia e cego dos dois olhos após dois acidentes na adolescência. Doutor em História, Filosofia e Estética pela Universidade de Paris, além de cineasta e teórico em arte. Sobre tal ver www.ufrgs.br/jornal/setembro2001

corpo, com sua imensidão, seus vácuos e seus contornos. Como lacunas a serem preenchidas, as imagens que se formam são inscrições da luz grafada num espaço outro. Momento esse sublime, no qual não se diferenciando mais forma de conteúdo, contorno de extensão, impalpável de concreto, o artista cego funde-se à sua obra, transbordando-a, recriando-a, reexperenciando-a. A *foto/grafia*² ou “escrita da luz” na sua etimologia grega, consolida-se nesse entre de ranhuras e de fazeres múltiplos, tecendo um território de permeabilidades, um campo de porosidades num tempo aiônico³. Também como uma escrita da luz, o espetáculo mais recente do ator-pesquisador do Lume, Carlos Simioni, *Sopro*, dirigido por Tadashi Endo, nos convida a adentrar num nicho de sensações e de percepções que nos esvaem do momento presente. Isso porque, desde o seu começo, cria-se, pela peculiar (*in*) mobilidade inicial do ator, um espaço virtual no qual um conjunto infinito de micropercepções⁴ é constantemente evocado e reelaborado. Espaço. Hiato. Lacuna. Inscrição. O branco, confluência de todas as cores, que está presente no seu figurino, deixa-o envolto por uma brancura que escorre pelo palco e delimita seu território de atuação. Seu corpo, como que em estado de suspensão contínua, inscreve, a cada mínimo gesto ou deslocamento feito, uma grande e indizível lacuna, preenchida e esvaziada incessantemente. Como moinhos d’água em contínuo fluxo de troca, renovação e revigoramento, público e atuante comungam num movimento de circularidade lírica. Dispensando sua carne pelo espaço, ele desenha a luz que dela emana, legando ao espectador movimentos que são sua grafia primeira, seu primário sentir no/para o mundo. Como no nascer de um bebê, somos expelidos com o ator de nosso conforto uterino, de nossas certezas

2. Phôto: de phôs, photo- luz

Graphar: de graph(o), gráphum- escrever, descrever, desenhar.

(Cunha, Antônio Geraldo da. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.)

3. “(...) um tempo aiônico, o tempo-acontecimento intensivo, o tempo do acontecimento ou do devir (...) Esse tempo é independente e está em um território outro, não simplesmente de oposição, mas de uma afirmação de diferença, uma afirmação rizomática ao território do corpo cotidiano, cujo tempo pertence a Chronos, e é crivado de estratos, extensividades, molaridades, territórios, identidades e sujeitos. Essa zona de tempo aiônico é uma zona de indeterminação, uma zona indiscernível no qual pessoas, coisas, sensações, natureza atingem pontos de vizinhança comum, “ trocando-se” em diferenças.” (Ferracini in MEDEIROS, Maria Beatriz de, MONTEIRO, Mariana F. M. e MATSUMOTO, Roberta K.(org), 2007)

4. Segundo Deleuze (1991), “ as micropercepções, ou representantes de mundo, são essas pequenas dobras em todos os sentidos, dobras em dobras, sobre dobras, conforme dobras, um quadro de Hantai ou uma alucinação tóxica de Clérambault. São essas pequenas percepções obscuras, confusas, que compõe nossas micropercepções, nossas apercepções conscientes, claras e distintas: uma percepção consciente jamais aconteceria se ela não integrasse um conjunto infinito de pequenas percepções que desequilibram a macropercepção precedente e preparam a seguinte.” (Deleuze, 1991, p.147)

arraiadas e de nosso hábitat para um mergulho no abismo desconhecido do não-estar.

Nossa evolução e, talvez, a evolução de toda a vida consistem nessa dureza amedrontadora, tímida e temerária: não ficar na própria casa em repouso, sair em direção ao mundo das coisas, desalojar-se? Nascer implica expor o frágil ao rígido, o morno ao gelado, o flexível ao rígido, o terno à violência; isto é conhecer. (SERRES, 2001, p. 24)

Desse modo, conhecendo-se e ultrapassando-se a si mesmo, o ator se perde e nos convida a navegar nesse desconhecido estado/espaco de desalojamento. Espaço esse cuja totalidade humana ali alicerçada, frágil nesse nascer constante, constrói lacunas de indizível respiro. Um Sopro. Mas de que? Para quem e o que assopramos? Como que expurgados para um abismo de incessantes plenitudes - silêncio posto em movimento, sonoridades inaudíveis, escritas de luz múltiplas, dizeres balbuciados pelo corpo que se cala a cada gesto-escoamos, assim como a areia que cai lívida e reluzente pelo palco. E nesse escoar, ecoam desejos ínfimos expurgados junto com o sopro de sensibilidade, de paz e de esperança que nos arrebatam, diluindo-nos. O assoprar da diluição, do inóspito, do insólito anseio de não-ser, de nossa existência dispersa. Vácuo de sensações. Resvalando num trânsito ininterrupto de micro-sensações, expostas a cada mínima ação imóvel, o espetáculo nos cala em sua infinitude contemplativa. Como espelho partido de seres (in) completude, respiramos. E, sem cessar o fluxo de memórias que tece essa escrita, mas, numa tentativa de encontrar um possível desfecho para esse expurgo de micropercepções, deixo as palavras de Michel Serres, ao colocar que

Se uma totalidade humana frágil resvalava incessantemente da plenitude antiga, feliz e aconchegante de sua quietude, inversamente observa-se que, ao ser muito bem alimentada, ela desenvolve capacidades muito superiores, ultrapassa a si mesma, torna-se apta a escalar uma grande e compacta elevação em vez de precipitar-se nas profundezas do abismo. (SERRES, 2001, p. 20)

Referências

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DELEUZE, Gilles. *A Dobra. Leibniz e o Barraco*. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

FERRACINI, Renato. **O corpo-subjétil e as micropercepções:um espaço-tempo elementar**. In Tempo e Performance. MEDEIROS, Maria Beatriz de,MONTEIRO, Mariana F. M. e MATSUMOTO, Roberta K.(org). Brasília: Editora da Pós-graduação em Artes da Universidade de Brasília, 2007.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos. Filosofia dos Corpos Misturados 1**. Trad.Eloá Jacobina.Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2001.

Mini-curriculum

Bailarina-criadora e professora de dança. Graduada em Educação Física pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - ESEF/UFRGS. Mestranda em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da UNICAMP.

